

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 07

Data 29 de março de 1973 Pg.: \_\_\_\_\_

## Em debate o futuro do índio

ELIANA LUCENA

Enviada especial

Planejado inicialmente para promover debates sobre o futuro dos índios "cinta-larga", que estão em fase de atração não só dentro do parque indígena do Aripuanã, em Rondônia, mas na região situada ao Norte de Mato Grosso, o simpósio sobre indigenismo, patrocinado pela Universidade Federal de Mato Grosso, passou a abordar mais amplamente o problema do índio brasileiro face ao programa de desenvolvimento da Amazônia.

Com a ausência já confirmada de Claudio e Orlando Villas-Boas, que seriam os conferencistas de amanhã, o encontro se estabeleceu mais a nível de debates entre sertanistas sobre o trabalho de atração de gru-

pos indígenas. Estas discussões são observadas por alguns antropólogos, dois representantes da Funai e uma assistência bastante heterogênea constituída por estudantes da UFMAT. Os padres-sertanistas, em suas explicações, deixam bem claro que consideram injusta a discriminação e a falta de apoio que sofrem na realização de trabalhos de aproximação e assistência ao índio.

"Enquanto sertanistas como Claudio e Orlando Villas-Boas têm todo o apoio oficial às suas expedições, somos obrigados a atuar com o mínimo de recursos", afirmaram. "E, além disso, se um sertanista da Funai morre durante uma missão, transforma-se em herói, enquanto um padre missionário, como ocorreu com Calleri, morto pelos Waimiri-Atroari, recebe o duro julgamento de ter falhado no contato". Afir-  
mam

os missionários que só agora passaram a receber alguma ajuda da Funai, que parece por fim ter compreendido a importância de sua colaboração.

Desabafos desse tipo caracterizaram o início do encontro, que se não conseguir atingir plenamente os seus objetivos de propor medidas concretas visando proporcionar aos índios "cinta-larga" um futuro mais tranquilo, pelo menos deu oportunidade para que homens que trabalham na atração de índios se reunissem pela primeira vez apresentando seus problemas e propondo novos caminhos para a política indigenista brasileira.

Existem pontos sobre o problema "Índios e Desenvolvimento" que ficaram bem definidos, não só pelos que participam dos debates em plenário, mas pelos antropólogos que, nos bastidores, colocam sua opinião:

Há uma necessidade premente de reformulação da atual política indigenista brasileira; o índio não pode ser encarado como entrave ao desenvolvimento; esforços isolados de sertanistas, padres e especialistas em indigenismo, pouco vão adiantar para uma solução real do problema; é totalmente utópica a idéia de se manter o índio isolado em seu habitat (o que seria ideal) no entanto, sua integração à sociedade nacional precisa ser lenta e harmoniosa para que ele não se marginalize; nessa primeira fase de conquista da Amazônia, o índio tem muito mais que ensinar do que propriamente aprender.

### SIMPÓSIO É VALIDO

Para o diretor do Museu Goeldi, Eduardo Galvão, a realização do simpósio foi uma idéia produtiva. "Apesar dele não ter uma preocupação científica — disse — está sendo de fundamental importância no que diz respeito à informação e troca de experiências".

Já para o diretor do Departamento Nacional de Pesquisas da Amazônia, Paulo de Almeida Machado, o problema do índio está sendo tratado em termos emocionais no encontro, à base de acusações mútuas, sem sugestões de soluções operantes. "Acusam-se os antropólogos de se limitarem à descrição acadêmica do índio, sem se preocuparem com o seu futu-

ro; acusa-se a imprensa de fazer sensacionalismo em torno do problema índio; acusam-se os missionários de serem catequistas; acusam-se os sertanistas de despreparo profissional e a Funai de omissão. Na verdade, é preciso reconhecer que somos todos igualmente responsáveis, a realidade é que nenhum dos grupos envolvidos tem conhecimento suficiente para propor soluções objetivas e seríamos pretensiosos se pensássemos de uma forma diferente".

### SAUDE E' A META

Os antropólogos Eduardo Galvão e Pedro Manoel Agostinho da Silva e o diretor do INPA, Paulo de Almeida Machado, concordam que a medida preventiva é um caminho seguro para garantir a sobrevivência do índio.

Um outro ponto defendido pelos três especialistas é necessidade da criação de reservas para os grupos indígenas, que estão em fase de contato na Amazônia "no entanto — afirma Eduardo Galvão — sou um homem realista e não vejo nenhuma saída para deter o desenvolvimento desenfreado da

Amazônia". Para Paulo Galvão, as reservas devem ser consideradas como solução de emergência, necessária e indispensável, mas nunca definitiva. Os indigenistas devem trabalhar junto aos grupos indígenas, planejando a sua integração, tendo em vista a extinção da reserva a médio ou longo prazo.

## Adiada a missão para Perimetral

Do correspondente em Belém e da Sucursal de Brasília

Foi adiada para segunda-feira a primeira missão da Funai na área da Perimetral Norte. O sertanista Fiorello Parise, que vai comandá-la, chegou somente ontem a Belém, o que forçou o adiamento. O novo trabalho será realizado na região do rio Amapari, afluente do rio Araguari, próximo a serra do Navio, no território do Amapá. Um levantamento será efetuado para a escolha do local de instalação de um posto de atração.

Fiorello Parise irá sozinho escolher um lugar adequado. Esse trabalho deverá durar pelo menos 20 dias. Depois ele volta a Belém para escolher índios do Oiapoque, que servirão co-

mo interpretes no contato com as tribos do Amapari.

Nessa primeira missão Fiorello Parise deverá manter contatos com índios das tribos Oyampik-Puku e Uiapil. Segundo a Funai, são índios que já mantiveram contato com branco, o que facilitará o trabalho da nova missão.

Outra missão de reconhecimento será feita pelo sertanista Sebastião Amancio, que testará os dados obtidos pela Funai, na área dos rios Itui, Curuá, e Javari, situados a sudoeste das zonas.

A Funai informou ainda, que, atualmente, não há qualquer problema com a tribo Tirio's, cuja comunidade está reduzida para 588 índios, em decorrência do aliciamento ocorrido em 1968. No entanto, não há mais o problema de suborno antigamente praticado por fazendeiros da Bolívia.